

Socorro

Socorro veio do sertão de ponto feito para emprego — e saiu melhor do que a encomenda: falante, cantante, fumante, desconfia-se que também amante das suas bicadas pelos caminhos da noite, que ela freqüenta oculta e prudentemente. Em conversa, faz praça da sua honestidade irrepreensível de donzela virgem, pura, invoca princípios e ensinamentos maternos, defende a honra com muita convicção e já decidiu que homem na sua vida só entra pela porta do matrimônio no padre e no juiz. Mas isto são falas a que se não pode dar muita valia, pois uma amigota, companheira de andanças aventureosas, já denunciou caso seu com homem desquitado. Depois, foram ver, o homem nem separado era, estava muito bem com a sua legítima e com a prole numerosa para os tempos dagora — pois são seis ao todo. Deu até queixa na Polícia, depois de discussão acesa.

Tudo isto Socorro esconde — e quando aparece na boca da cena em figura de doméstica, assume o tranqüilo ar de bem comportada, lembra sua devoção ao Padre Cícero, que já lhe resolveu muitas dificuldades, obrando milagres que vai contando de maneira minuciosa no seu falar pitoresco.

Pois esta dita Socorro abandonou seu lugar de doméstica e foi trabalhar de balconista em casa comercial, com um senhor tão seu conhecido, que ela trata simples-

mente pelo prenome, agravado com o diminutivo: — É Pedrinho pra lá, Pedrinho pra cá. Quando a ex-patroa, no momento exato em que Socorro se demitia, estranhou que tratasse o patrão com tanta intimidade, ela se explicou triunfante:

— Ora, eu conheço o Pedrinho há muito tempo. Foi até ele que matou meu pai...

Estarrecida, a senhora não pôde deixar de lhe manifestar seu óbvio espanto e lhe pedir explicação da sua ausência de escrúpulo, passando a trabalhar com o homem que lhe matara o pai. E, justamente curiosa, indagou direta: — Matou de quê, de faca ou de tiro?

— Ah, não senhora. Matou de feitiço. Não vê que meu pai era candidato a vereador, ele ameaçou na campanha, que haveria de mandar fazer um feitiço pra ele não se eleger. Dito e feito. O pai adoeceu, foi minguando, foi se devorando na febre, quando ele já andava nas últimas, nós mandamos buscar uma macumbeira nas praias — ali pelas areias do Acaraú. A mulher foi, coitada, mas ela mesma disse que já chegava tarde, nem pôde fazer mais nada.

Fosse um dia antes, ainda tinha dado um jeito — mas naquela hora, o feitiço já tava muito entranhado. O mais que podia adiantar era um trabalho pro pai não ir pro inferno.

Quando lhe indagaram por quanto sairia o “trabalho”, a mulher até se ofendeu. Que dinheiro não passava pela sua mão, que não havia de cobrar pelas forças que Deus lhe dera. Só precisava do material, que era pouca coisa: uma cabra preta, um saco de farinha, um saco de goma e um saco de feijão. Sim que não era pra consumo, era destinado mesmo ao seu mistério de invocação e de comunicação direta para garantir salvar o infeliz das penas eternas.

Cabra tinha, sim, mas não era da preta. Aí um filho do moribundo se atacou pelas propriedades da vizinhança, já levando uma malhada, para negociar a troca. Ah, meu

Deus, o que ele andou por aquelas beiras de estradas, batendo de casa em casa à procura duma cabra no modelo exigido. Só voltou no dia seguinte, quando o pai já tinha entregue a alma a Deus. Felizmente a mulher garantiu que já tinha começado as preces, que de volta pra casa era só tratar de executar o trabalho propriamente dito. E lá se foi de volta aos seus pagos, com a cabra preta, a goma, a farinha e o feijão. Ah, sim, tinha também um quilo de sal nos implementos.

Passou-se muito tempo, sem que o finado desse notícia, nem ele, nem a feiticeira, nem a cabra, nem nada. Enquanto isto, a família sofria a incerteza, tinha medo de que o infeliz, além de sucumbir ao feitiço, estivesse queimando no fogo do inferno. Então a dita Socorro recebeu uma carta da mãe, contando sonhos horríveis com o marido, pedindo ajuda e adiantando que uma vizinha o tinha visto soltando um fogo roxo pela boca. E a macumbeira, por sua vez, tinha desaparecido completamente. Como dizem lá: abriu-se o chão e não encontraram mais a mulher.

Foi aí que Socorro, expedita e oportuna, lembrou-se de recorrer à sábia dum pai-de-santo prestigioso, aqui mesmo em Fortaleza — homem de muita convivência com as forças do Alto, que também acudira sua amiga nas trevas duma paixão desencontrada e atacada por malefício que lhe fora feito em terras do Maranhão, por uma Ph.D. no assunto.

Sabem o que foi que o homem disse? Que só podia garantir o trabalho se lhe mandassem uma cabra.

Da preta!